

EN

Written over two months in the winter of 1972, the 2019 Nobel Prize for Literature winner Peter Handke's novel – *Short Letter, Long Farewell* – tells the spiral of pain that dragged the novelist and playwright's mother into suffering, leading her to take her own life. Handke's mother's story is part of the history of Central Europe: she lived through the rise of Nazism, World War II, and the austerity and suffering that followed. This novel was adapted by Pedro Proença and directed by the actress Teresa Gafeira.

ESTREIA

UM ADEUS MAIS-QUE- -PERFEITO

COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA (Portugal)

A partir do romance de PETER HANDKE

Encenação de TERESA GAFEIRA



42.º FESTIVAL 04 — 18
de almada JULHO 2025

Organização CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA

<i>Dias e Horários</i>	05 E 12 JULHO — 18H00 07, 09, 11, 15, 17 JULHO — 21H30
<i>Local</i>	SALA EXPERIMENTAL TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE (ALMADA)
<i>Classificação Etária</i> M/14	<i>Duração</i> 1H00

Tradução
CARLOS LEITE
(GENTILMENTE CEDIDA PELA
EDITORA RELÓGIO D'ÁGUA)

Adaptação
PEDRO PROENÇA
Interpretação
DUARTE GUIMARÃES
PEDRO WALTER

Cenografia e figurinos
SÉRGIO LOUREIRO
Desenho de luz
GUILHERME FRAZÃO

Música e Desenho de som
DANIEL MENDRICO

Apoio vocal
LUÍS MADUREIRA

Vídeo
LÍDIA OCTÁVIA
DANIEL MENDRICO
SÉRGIO LOUREIRO

Operação de luz e som
DANIEL MENDRICO

Montagem
ANDRÉ OLIVEIRA
JOÃO FARRAIA
DANIEL MENDRICO
PAULO HORTA
LUCAS DOMINGOS
ÂNGELO BASTO
RAFAEL SALLES
LUÍS TOMÉ

Agradecimento
LÍDIA OCTÁVIA

PT Escrito durante dois meses do Inverno de 1972, *Um adeus mais-que-perfeito*, o romance de **Peter Handke**, Prémio Nobel da Literatura 2019, conta-nos a espiral de dor que arrastou a sua mãe para o sofrimento, levando-a a terminar com a vida aos 51 anos (em 1971, um ano antes de o romance ser escrito). Trata-se de um texto comovente, adaptado por Pedro Proença e encenado por Teresa Gafeira.

A história da mãe de Handke é parte da História da Europa Central: atravessou o surgimento do nazismo, a II Grande Guerra, e a austeridade e o sofrimento que se seguiram. Viveu no mundo rural austríaco, pequeno-burguês e católico, onde as mulheres eram vistas como impertinentes e levianas caso ousassem ter voz e desejos. Ali “ninguém tinha nada a dizer sobre si próprio”.

Através das palavras do seu filho — que neste espectáculo aparece a duas vozes, pelos actores Duarte Guimarães e Pedro Walter — ficamos a conhecer esta mulher que, desde muito pequena, “teve vontade de fazer mais qualquer coisa”, que implorou ao pai que a deixasse aprender porque “sempre se quis sentir orgulhosa de alguma coisa” [que soubesse fazer]. “A curiosidade não era uma característica humana, mas um vício feminino ou efeminado. Mas a minha mãe era curiosa por natureza. [...] A vida como vale de lágrimas da religião católica era-lhe estranha, acreditava apenas na felicidade neste mundo, e era uma questão de sorte; quanto a ela, tinha tido pouca sorte”.

No entanto, desde cedo vê a sua energia e vivacidade, a sua curiosidade pela vida e os seus desejos sufocados e aniquilados (um pai que não permite que continue a estudar, um marido abusivo, muita infelicidade) até se convencer de que “não era nada, nem nunca seria nada”. “Uma tristeza incurável”. Ainda antes dos 30 anos já usava expressões como “no meu tempo”, as enxaquecas tomaram conta dela, os pensamentos paralisavam-na. No final da vida “não havia nada de que se pudesse falar com ela. Todas as palavras lhe lembravam algo horrível”.

Com uma escrita minuciosa (de investigação policial, poderíamos dizer), esta é uma história pessoal, mas não meramente pessoal, porque nos toca a todos. Nesse sentido, este espectáculo é também político. É sobre lucidez e revolta. É o retrato de uma degradação e da capacidade de resistência a essa degradação – tema beckettiano, que sempre interessou a Teresa Gafeira.

Inês Rodrigues